ROMARIA DE CARROS DE BOI: A COMUNIDADE EM FOCO*

Maria Aparecida de Castro**

Resumo: a romaria de carros de boi é uma prática religiosa da ruralidade que vai de encontro ao ethos doromeiro-carreiro urbano, que vive na cidade de Inhumas. A ruralidade característica do grupo deromeiros-carreiros de Inhumas tem a comunidade como centro e está na contramão da modernidade que tem o indivíduo como centro. Para osromeiros-carreiros que se reúnem nos encontros programados e na romaria para a festa de Trindade a participação no grupo é uma experiência de comunidade.

Palavras-chave: Ruralidade. Romaria. Comunidade. Indivíduo. Romeiro-carreiro.

O tema de nossa análise é a prática da romaria de carros de boi no mundo urbano. Buscamos compreender oromeiro-carreiro que vive nas cidades, sua convivência social, sua relação com os valores da ruralidade, sua busca de viver em comunidade. Tal perspectiva suscita inquietações sobre o papel do grupo na vida do indivíduo que vive nas cidades. Por esse motivo queremos lançar luzes sobre a relação dos valores da ruralidade com os valores do mundo urbano.

O fenômeno religioso pesquisado é a romaria de carros de boi para a festa do Divino Pai Eterno em Trindade (GO), no ano de 2010. A abordagem metodológica que fizemos tem como foco compreender porque uma prática religiosa característica da ruralidade está tão fortemente presente

num grupo urbano (cidade de Inhumas). Para isso realizamos um levantamento bibliográfico e pesquisa de campo composta de observação participante e entrevistas que foram realizadas durante a romaria de carros de boi e a festa de Trindade, no período de 24 de junho a 7 de julho de 2010.

Os sujeitos entrevistados foram 20 romeiros-carreiros urbanos e adultos do grupo de Inhumas. Escolhemos os romeiros-carreiros adultos, donos de carros de boi, pela representatividade e intensidade de sua participação na prática religiosa da romaria de carros de boi. Os selecionados para a entrevista, têm em média 5 anos de participação na prática. Nossa escolha por romeiros-carreiros que participam a um bom tempo da prática religiosa se justifica pela necessidade metodológica de pesquisar sujeitos que estejam comprometidos com a prática religiosa com regularidade, seriedade e profundidade. Os entrevistados são identificados por um número ao final de sua fala, visando proteger a privacidade dos mesmos.

A estrutura do texto compõe-se de: introdução, em seguida no primeiro tópico a temática é a romaria de carros de boi como experiência de comunidade, o segundo tópico refere-se ao imbricamento da prática da romaria de carros de boi com a ruralidade, já o terceiro, analisa o papel da religião como fomentadora de práticas comunitárias.

Nas ideias conclusivas evidenciamos que a análise da problemática do ser romeiro de carro de boi no mundo urbano, cuja marca é o individualismo característico da modernidade, permite esclarecer e modificar conceitos e ideias já existentes sobre a prática da romaria de carros de boi, abrindo espaço para a formulação de novas abordagens sobre o tema.

ROMARIA DE CARROS DE BOI COMO EXPERIÊNCIA DE COMUNIDADE

Partimos do pressuposto que no grupo de romeiros-carreiros de Inhumas está em curso a busca da construção de uma comunidade artificial cujo entendimento comum é a nostalgia da comunidade idealizada, rural. O apoio mútuo, a amizade, o respeito encontrados pelos romeiros-carreiros e suas famílias no grupo, livra-os das angústias, do caos da anomia, da perda de identidade. Berguer (1985, p. 15) afirma que a construção social do mundo pelo homem é uma ordenação significativa, uma nomia da experiência humana. A ordenação da experiência é ontológica à espécie humana. Fazer parte de uma sociedade é co-habitar seu nomos. Viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. O afastamento radical do mundo social é uma séria ameaça ao indivíduo, que perde

não apenas os laços que o satisfazem emocionalmente, mas também perde sua orientação e em casos extremos sua identidade e o senso de realidade, torna-se anômico, no sentido de tornar-se sem mundo. O *nomos* socialmente estabelecido pode ser entendido com um escudo contra o terror da anomia. E o terror da anomia, no caso dos romeiros-carreiros, parece ser a carência da vida em comunidade. Mas afinal o que é comunidade?

Bauman (2003, p.15) conceitua comunidade com um “círculo aconchegante” onde as lealdades humanas não derivam de uma lógica social externa ou de qualquer análise econômica de custo-benefício. Não há espaço para cálculo frio, para imposição da razão. Dentro da comunidade as pessoas não precisam provar nada e a despeito do que tenham feito podem esperar ajuda simpatia, fraternidade. O entendimento no qual a comunidade se baseia, é sem palavras, é um “sentimento recíproco e vinculante”. Há uma “naturalidade” no entendimento comunitário. A comunidade é fiel à sua natureza (ou a seu modo ideal) apenas na medida em que ela é distinta de outros agrupamentos humanos. É pequena e auto-suficiente, oferece todas as atividades e atende todas as necessidades das pessoas que fazem parte dela. São três as principais características da comunidade: distinção, pequenez e auto-suficiência se unem na proteção da comunidade em relação às ameaças a seus modos habituais. Enquanto cada um do trio estiver intacto, é pouco provável que haja motivação para reflexão, crítica ou experimentação.

Na modernidade a unidade comunitária precisa ser construída: o acordo “artificial” é a única forma disponível de unidade. O entendimento comum é uma realização, alcançada ao fim de uma longa negociação. Mesmo alcançado, esse entendimento comum, será sempre frágil e vulnerável, precisando sempre de vigilância, reforço e defesa. A comunidade real se parece com uma fortaleza, frequentemente bombardeada por inimigos de fora. A fragilidade solitária das identidades individuais leva a criação de “comunidades-cabide” onde os medos e ansiedades individuais possam coletivamente ser penduradas e exorcizadas (REDFIELD *apud* BAUMAN, 2003, p. 17).

Comparando a realidade sócio-cultural percebida em nosso espaço de investigação ao pensamento de Bauman e de Berger acima mencionados, percebemos que a convivência no grupo, o rito da romaria dá ao romeiro-carreiro e a sua família um escudo contra o individualismo, a angústia, a anomia da modernidade. O rito da romaria traz segurança para o romeiro-carreiro. Segundo Rivière (1996, p. 75) ao criar algo fora do tempo, o rito permite evitar os rios do caos. Ele estrutura o tempo pela repe-

tição. Em nosso campo de investigação, percebemos que o rito da romaria estreita os laços comunitários e dá um sentido de coesão social e segurança aos participantes do grupo de romeiros-carreiros. A convivência social dos romeiros-carreiros no grupo reforça seu espírito de solidariedade que vai se cristalizar no seu prazer de estar juntos e na camaradagem. Essa prática social comunitária impregnada de ruralidades continua viva no ambiente urbano, na cidade de Inhumas. É o que atestam as falas dos entrevistados do grupo de Inhumas, que quando perguntados sobre como se sentiam quando estavam juntos com o grupo de romeiros-carreiros nos encontros programados e participando da romaria de carros de boi, afirmaram: “Me sinto feliz, muito feliz” (1); “Eu simplesmente sinto mais forte, eu não sinto sozinho [...] eu sinto mais forte, com mais fé, eu sinto amparado pelos meus amigos”(3).

Além do aconchego, do bem-estar, participar do grupo confere ao romeiro-carreiro uma sensação de força, de amparo, de proteção, coincidindo assim com o sentimento descrito por Bauman (2003), ao conceituar comunidade.

Na trilha do pensamento de Bauman, Lemos (2009, p. 215) afirma que duas vertentes ou tradições culturais se destacam no conceito de comunidade: a tradição cristã ocidental, marcada pela ideia de paraíso, que perdeu intensidade, mas continua povoando o imaginário das pessoas, e a outra vertente é a salvação pelas obras, pela prática da caridade, do serviço aos outros.

Mas, porque os romeiros-carreiros de Inhumas buscam comunidade? Podemos delinear uma resposta a essa questão à luz do pensamento de Weber (1991, p. 279), para quem a ação humana é racional, mas dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta seu comportamento e ordena as crenças e valores do indivíduo visando lhe garantir estabilidade tanto psicológica, quanto social:

são os últimos e supremos juízos de valor que determinam a ação e conferem sentido e significado à vida e que são percebidos como objetivamente válidos. É preciso dar atenção aos condicionamentos internos da ação dos homens para tratar dos problemas trazidos por sua inserção em constelações sociais que podem desenvolver suas capacidades ou deformar, fragmentando, suas almas (WEBER, 1991, p. 314).

Se assim é, então a necessidade de comunidade expressada pelos romeiros-carreiros estaria apontando para a permanência da ideia de comunidade como um valor ainda presente na atualidade? Para Hubner-funk

(*apud* SILVA, 1997, p. 19) a sociabilidade está carregada de padrões de aversão e simpatia. Os sentidos humanos, como bases fisiológicas das sensações, devem tornar-se objeto de uma sociologia dos sentimentos. Assim poderíamos conhecer mais sobre os limites da cooperação e do conflito. As relações com o próximo são determinadas por duas direções contrárias da impressão sensível. A primeira nos afasta dele: a presença sensível do outro o coloca completamente fora de nós. O simples estar aí do outro provoca em nós os mais variados sentimentos (prazer, dor, elevação, humilhação, excitação, sossego). Ao mesmo tempo a percepção do próximo é uma ponte por meio da qual chegamos a ser então objeto de nosso próprio conhecimento (SILVA, 1997, p. 19). Se é assim, então a partir dessas afirmações, fica-nos a pergunta: porque o desejo de comunidade?

Podemos entender tal desejo a partir de um olhar sobre a cultura urbana na atualidade. O crescimento das cidades e o afluxo de populações do interior, das regiões mais pobres do país, populações essas marcadas pela vida camponesa, estruturada a partir dos ritmos da natureza, tributária da religiosidade sincrética e das formas de dominação tradicionais se inserem num mundo simbólico de vertente urbana, cosmopolita, letrada, racionalizada (SILVA, 1997, p. 22). Na grande cidade, a forma básica de socialização é a dissociação. Mas existem compensações: o aumento da liberdade pessoal, conseguida pela reserva com seu tom exagerado de aversão oculta. É mais fácil enganar o ouvido do homem do que sua vista: o cego, para quem o próximo só existe quando se expressa, considera tudo amistosamente, por estar privado da simultaneidade inquietante que se expressa no rosto dos homens:

o rosto é o lugar por excelência da teoria, não faz, apenas fala. Desde o primeiro olhar, sabemos com quem lidamos, e mesmo que estejamos errados na avaliação, ela continua operante. O olhar não é apenas investigativo, é também expressivo. O encontro dos olhos é reciprocidade absoluta: sujeito e objeto em explícita interação (SIMMEL, 1939, p. 241).

O indivíduo oriundo da ruralidade ao chegar à cidade depara-se com um mundo carente de sentido único. “No cosmo, ser e valor estavam misturados e o aspecto das coisas ficava escondido pelo seu significado sagrado. O homem da era moderna tem de se movimentar em um espaço e tempo vazios” (KRACAUER *apud* SILVA, 1997, p. 23).

Segundo Silva (1997, p. 31), “a nossa época provou da árvore do conhecimento”. Os laços de união garantidos pela tradição se foram. Ao analisarmos o pensamento de Weber, percebemos que mais que um diagnóstico da

perda, a visão weberiana sobre o mundo moderno indica uma possibilidade: a de homem forjar seu próprio caminho. Entretanto há um tom de denúncia, da perda dos laços comunitários na sociedade moderna, no texto a seguir:

o destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo “desencantamento do mundo” levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes. Tais valores encontram refúgio na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados. Nada há de fortuito no fato de que a arte mais eminente de nosso tempo é íntima e não monumental, nem no fato de hoje em dia, só nos pequenos círculos comunitários, no contato homem a homem, em *pianíssimo*, se encontra algo que poderia corresponder ao pneuma profético que abrasava comunidades antigas e as mantinha solidárias (WEBER, 1987, p. 51).

Segundo Lemos (2009, p. 213) após 17 séculos de história cristã, o individualismo dos primeiros “renunciantes cristãos”, indivíduos que renunciavam ao mundo em sua relação com Deus, transformaram-se na ideologia individualista utilitária da sociedade ocidental pós-moderna secularizada. Nesta sociedade o indivíduo passa a ocupar um lugar de valor supremo. E como fica a comunidade nessa sociedade altamente individualista?

Existem “mitos da comunidade” que seriam: a simplicidade (o face a face), a igualdade (homogeneidade interna) e a inevitável conformidade (conservacionismo). Estes “mitos” se originam da ideia de que a comunidade é uma estrutura formal abstrata que teria a capacidade de obrigar seus membros a atuarem de certa maneira sempre prescritas, independentemente das interpretações e do significado que as pessoas dão ao seu comportamento (COHEN *apud* LEMOS, 2009, p. 206).

Comunidade, enquanto símbolo de uma identidade coletiva permite comunicar as diferenças e semelhanças em relação a outras entidades coletivas. A comunidade representa uma intrincada rede de relações e modos de pertença social. Em relação à participação individual, permite comunicar as experiências individuais de cada sujeito dentro do grupo e na sua dinâmica com o mundo, mediado pela ligação com a comunidade. Ambos os processos permitem ao indivíduo construir e experimentar as fronteiras sociais (COHEN *apud* LEMOS, 2009, p. 204).

Cohen (*apud* LEMOS, 2009, p. 204) conceitua comunidade como uma “forma de pensar, sentir e acreditar”, a comunidade é um fenômeno cultural, que tem seu significado construído através de recursos simbólicos

apropriados coletivamente, mas que variam conforme perspectivas pessoais. Na elaboração dos significados que compõem a comunidade se dá a construção de um simbolismo muito particular. Para o autor são as fronteiras simbólicas que marcam o início e o fim da comunidade:

este simbolismo se torna particularmente explícito durante e através de rituais que representam um importante meio de experimentação da comunidade. Neste sentido, o ritual confirma e reforça a identidade social e o sentimento de pertença social a um coletivo. Simultaneamente a esse sentimento de pertença ocorre o aumento da conscientização da diferença entre os grupos, através da evocação dos símbolos coletivamente partilhados (COHEN *apud* LEMOS, 2009, p. 204)

A comunidade pressupõe construção simbólica de semelhanças identitárias e acentuação de diferenças com outras comunidades. Essas fronteiras com outras comunidades são fluidas. A própria comunidade na sociedade urbana racionalizada, individualista e capitalista em que vivemos é uma construção frágil. O ato constitutivo do capitalismo moderno foi a separação entre os negócios e o lar. Destruídos os laços comunitários que o mantinham em seu lugar, o trabalhador viria a ser submetido a uma rotina inteiramente diferente, ostensivamente artificial, sustentada pela coação nua e sem sentido em termos de dignidade, mérito ou honra (WEBER *apud* BAUMAN, 2003, p. 32).

A complexidade das relações humanas no mundo urbano marcadas pelo individualismo, pelo consumismo, pelo marketing de que comprando determinado produto, estamos comprando a felicidade marcam a vida doromeiro-carreiro que vive na cidade. Onde buscar relações que não estejam marcadas pelo individualismo e por interesses monetários? Osromeiros-carreiros buscam no grupo.

O indivíduo moderno tem na liberdade um valor absoluto, só que com a liberdade, vem o medo e a angústia também características marcantes da modernidade. Diante de tamanha liberdade de escolhas o ser humano moderno, sente que escolher uma opção é perder outra e ainda tem o peso de arcar com as consequências de suas escolhas e assim os laços com os “outros em condições semelhantes” tendem a ser frágeis e transitórios. A possível comunidade de interesses tende a se dissolver antes mesmo de se solidificar (BAUMAN, 2003, p. 35). “Vivemos num estado de permanente precariedade e insegurança quanto à posição social, incerteza sobre o futuro, sobre a sobrevivência e a opressiva sensação de não segurar o presente” (BOURDIEU *apud* BAUMAN, 2003, p. 42).

No contexto sócio-cultural urbano, onde a individualidade se exacerba e a comunidade aparece como uma necessidade, a romaria de carros de boi, uma prática religiosa oriunda da ruralidade com tudo que a caracteriza, contextualizada no ambiente urbano é um espaço para a vivência comunitária. Ela apresenta-se como um encontro de saudosos (as), que sem nem mesmo ter vivido os “tempos felizes de outrora” da ruralidade idealizada, onde a solidariedade imperava, buscam viver essa experiência de comunidade rural no mundo urbano individualista, racionalizado e competitivo em que vivem.

Nesse sentido Silva (1997, p. 26) afirma que no universo urbano impera a solidariedade orgânica e a consciência coletiva se mostra de modo difuso, uma vez que a liberdade individual encontra-se cada vez mais desenvolvida. Aron (1995, p. 306), afirma que com o surgimento da solidariedade orgânica, os laços de sustentação da antiga sociedade também vão se desfazendo e dando lugar a outros tipos de vínculos sociais que preencham os espaços vazios deixados pelo tradicionalismo da solidariedade mecânica, e estes novos vínculos são produzidos pela divisão do trabalho.

Em tal contexto, destaca Bauman (*apud* LEMOS, 2009, p. 208), a maioria dos pontos firmes e sólidos que sugeriam uma situação social duradoura se foram, e com eles vai-se também o sentimento de comunidade, ou a “experiência de comunidade”. Não há mais relações bem tecidas entre as pessoas, traço marcante da comunidade, e há cada vez menos estímulos para procurar meios de unir o que foi rompido. Os sentimentos e práticas de solidariedade, cooperação, mutualismo e reciprocidade enquanto fortalecedores de nomia ao indivíduo e eliminadores do egoísmo individualista não conseguem sustentação duradoura na sociedade moderna. Mesmo nesse contexto de extrema fragilidade da comunidade real, o ideário comunitário, continua sendo pensado e concretizado em diferentes esferas da sociedade. E a religião pode ser uma estimuladora de experiências onde prevaleça o ideário comunitário em detrimento do individualismo característico da modernidade (NETO, 2005, p. 19). Que práticas comunitárias estão sendo legitimadas pela religião no universo urbano?

RELIGIÃO COMO FOMENTADORA DOS VALORES COMUNITÁRIOS

A religião é muito maior que as instituições. É uma forma de perceber o mundo. E “é uma legitimadora eficaz porque relaciona a realidade suprema as frágeis construções sociais da realidade, erguidas pelo homem”

(BERGER, 1985, p. 49). A legitimação religiosa relaciona a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. A religião mantém o mundo socialmente construído e tem a dimensão de integração em um *nomos* compreensivo precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida.

Berger (1985, p.103) destaca que para legitimar determinado arranjo, resultante de um acidente histórico, por exemplo, basta tê-lo como uma verdade de fé. A alienação leva os homens a viverem no mundo criado por eles próprios, com se estivessem destinados a fazê-lo por poderes sobrenaturais completamente independentes de sua vontade e esforço. A religião tanto pode legitimar práticas e instituições, como alienar consciências para um “outro mundo” que paira sobre a realidade. Mas pode também libertar de amarras, desalienar e dar sentido à vida em meio ao caos da anomia. Olhando nosso campo empírico à luz do pensamento de Berger, entendemos que o romeiro-carreiro busca nomia e solidariedade na comunidade de romeiros-carreiros.

O indivíduo moderno é racionalmente solidário e faz comunidade com quem tem afinidade de ideia e projetos. O conteúdo da crença de uma comunidade aponta para o que é importante para aquela comunidade. A nosso ver, a devoção compartilhada, a convivência fraterna são os sustentáculos da comunidade de romeiros-carreiros. Tal percepção faz sentido à luz da afirmação de Lemos (2004, p. 131) e de Bauman (1998, p. 209). A autora ressalta que a religião santifica as normas e os valores da sociedade estabelecida, mantendo as prioridades do grupo em detrimento do individual. E o autor (Bauman) afirma que quando queremos compreender os fenômenos da religião, trata-se de entendermos os mecanismos sociais em que se assentam as práticas religiosas.

Dessa forma, religião e sociedade estão visceralmente ligadas. Numa síntese objetiva dessa relação podemos afirmar que a religião é o sentimento que a sociedade inspira aos seus membros, projetado fora das consciências individuais através das representações coletivas do rito, que é o mecanismo que possibilita essa relação. É através dos símbolos, do rito que se descobre, o que realmente conta para o grupo. O que conta para um grupo de romeiros-carreiros urbano? O ser humano primitivo pesquisado por Durkheim (1989) não está preocupado com as forças sobrenaturais, as divindades, mas com a tribo. O que preocupa os romeiros-carreiros de Inhumas? O individualismo, o egoísmo das relações sociais urbanas é uma das grandes demandas do romeiro-carreiro ao procurar o grupo.

A religião é buscada pelo ser humano para administrar coisas que este não consegue administrar. Mesmo tendo informação, há coi-

sas que o ser humano não consegue dominar, gerir. O romeiro-carreiro oriundo da ruralidade se depara no ambiente urbano com valores que não consegue controlar. A sociedade urbana é uma sociedade individualizada, racionalizada e secularizada¹. Como o romeiro-carreiro reage a essa realidade?

ROMARIA DE CARROS DE BOI PARA A FESTA DE TRINDADE: UMA PRÁTICA DA RURALIDADE

A religião é um dos possíveis caminhos para entender a sociedade. A questão que o pesquisador (a) da religião busca responder é: o que eu consigo ver da sociedade através dessa prática religiosa? O ser humano busca a religião para resolver algum problema, alguma necessidade na concretude da vida. “O homem não é um ser abstrato, acovardado fora do mundo” (MARX, 2004, p. 45). Para entender o ser humano é preciso olhá-lo na materialidade da vida, entender como e onde ele vive e se relaciona. O problema não está na oferta religiosa, o problema é a necessidade concreta, real do ser humano. O que o romeiro-carreiro está buscando na religião, na prática da romaria de carros de boi, que problema ele busca resolver? O conteúdo da religião é o conteúdo da vida. Quais demandas cotidianas o romeiro-carreiro busca resolver quando se dispõe todos os anos a fazer uma longa e penosa caminhada tanto para ele, quanto para sua família, e para os animais, com certeza mais para os animais? Uma das motivações internas é a fuga do individualismo, característico do meio urbano, buscando aconchego, felicidade no grupo, que representa a comunidade rural esquecida na ditadura do individualismo urbano.

A devoção dos (as) romeiros (as) parece ser atemporal. As gerações se sucedem e o canto primitivo dos carros de boi, do Goiás colonial continua ecoando nas estradas empoeiradas que levam à Trindade. Os meios de transporte modernos com seu conforto e velocidade, que na sociedade capitalista e urbanizada são objeto de desejo, contrastam com a lentidão e desconforto da viagem num carro de boi por vários dias.

Os valores da ruralidade não desapareceram no mundo urbano, pelo contrário resistem às transformações sócio-culturais e econômicas, às revoluções tecnológicas, em síntese à modernidade.

Segundo Pessoa (2005, p. 51):

Na lógica da revolução industrial o campo iria até desaparecer. Mas a pequena produção agrícola continua no mundo todo, apesar de isso acontecer por

um caminho muito difícil, que é o da superexploração do trabalho. Mesmo assim a contribuição do rural na produção de sentidos e significados é muito expressiva. Grande parte das cidades brasileiras (talvez todas) tem alguma festa baseada nas coisas do mundo rural, embora não seja mais possível falar de rural como especificidade, como modos de vida e de trabalho que só existem em determinado lugar. Por isso falamos de ruralidades. Temos uma intersecção entre campo e cidade, em diversas manifestações e formas. O que marca as ruralidades é a relação com a terra, com o plantar. A terra como cultivo e criatório ainda são muito a referência formadora das nossas mentalidades. Isso faz parte, está presente em nossos processos de construção de identidades, mesmo se moramos nas médias e grandes cidades. Ou seja, mesmo no contexto urbano, há muitas pessoas que elaboram sua compreensão de mundo, com as referências do mundo rural.

As romarias segundo Nascimento (2009), são parte integrante desse mundo rural. A palavra romaria vem de Roma, sede da hierarquia católica, para onde muitos peregrinos se dirigem desde os primórdios do Cristianismo. Essa prática do catolicismo popular chega ao Brasil, trazida pelos portugueses. Sanchis (2006, p. 86) afirma que em Portugal as peregrinações se chamavam romarias e estavam inscritas na sensibilidade religiosa local desde a Alta Idade Média. As romarias em Portugal, afirma Sanchis (2006, p. 87), têm seu nascimento historicamente apreensível no século VII. Eram uma manifestação popular que preenchia o imaginário religioso das populações, principalmente do Norte de Portugal. Essa prática religiosa chega ao Brasil, no século XVII, trazida pelos portugueses, e vai historicamente se constituindo como uma prática do catolicismo rural.

Para entendermos o contexto histórico em que se processa a organização de uma romaria, no caso de Trindade, temos que conhecer um pouco do universo dessa prática religiosa do povo goiano. A história da romaria de Trindade teve início em 1840, quando um casal de agricultores, Ana e Constantino Xavier, encontrou em um pasto ao lado de um córrego, um medalhão de barro que representava a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. Constantino e seus familiares começaram a rezar o terço diante do medalhão, e logo foi erguida uma capelinha coberta com folhas de buriti. Mais e mais gente começou a chegar ao pequeno povoado que ali se formava.

Segundo Deus e Silva (2003, p. 21) desde o início da romaria foi grande a utilização dos carros de boi como transporte rumo à Festa de Trindade. A longa viagem parecia não cansar os/as romeiros (as). Enfrenta-

vam poeira, forte sol ou inesperada chuva. Duravam dias e noites. Durante a viagem acampavam nas estradas para os pousos. Chegando à cidade, os carreiros tratavam de se alojar em quintais alugados para o período da festa. Atualmente Trindade recebe no último dia de festa mais de um milhão de pessoas (cerca de dez vezes a população local).

Na ótica de Nascimento (2009) a romaria é uma prática que engloba a dinâmica do tradicional e do moderno, do religioso e do secular, sem perder a sua especificidade. Romaria não é apenas uma manifestação do catolicismo popular. Alguns aspectos ligados a um estilo de vida tradicional, que inclui o catolicismo rústico, persistem ao lado de outros novos, ligados a uma cultura das cidades, na qual se aproxima a dinâmica do Santuário de Trindade especialmente durante a festa. A romaria mantém elementos tradicionais dessa forma de devoção, e ao mesmo tempo, não está fechada nem vulnerável às transformações que provêm de um mundo urbanizado.

No estado de Goiás romarias, festas e tradições de raízes milenares incorporam o jeito simples de viver e de falar da gente que:

na esteira do ouro e das fazendas de gado, foi lentamente povoando as beiras de córregos e planícies mais férteis. Incorporaram também o modo como os outros chegantes e os da terra, com alguma informação a mais ou acesso às letras foram elaborando suas formas de vida nas vilas e povoados constituídos pelo comércio, pelos serviços de um poder público que, não raro, era sempre o último a chegar (PESSOA, 2005, p. 33).

Esse crônico descompasso entre o povoamento e a presença do Estado em Goiás, pode ser muito bem verificado nas páginas dos mestres de nossa literatura regional, como por exemplo, em Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Elis, Carmo Bernardes e Bariani Ortêncio.

Deus (2001, p. 263) afirma que o cotidiano da vida rural é atestado nos motivos das promessas, dos romeiros (as) que participam da festa de Trindade, geralmente são pedidos de recuperação da saúde, que acusam a distância e carência da assistência médica, a água benta, a vela acesa e a oração (a promessa) são as únicas opções possíveis de acesso à reabilitação. Os imprevistos e acidentes causados pela natureza: ataques de animais, incêndios (queimadas), estavam em segundo lugar na lista de pedidos e promessas. Essas promessas são “pagas” nos dias da festa religiosa.

A romaria de carros de boi na Festa do Divino Pai eterno em Trindade é um dos principais rituais da festa e manifesta claramente seu caráter rural e comunitário (LEMOS, 2004, p. 74). A vida comunitária, os laços

de solidariedade são características marcantes da cultura rural em Goiás. Segundo Lemos (2004, p. 83) Goiás se apresenta com um espaço privilegiado de análise do cruzamento entre as culturas rural e urbana, devido à presença das fortes tradições religiosas mais próprias do meio rural, como as cavalhadas, festas do divino, folias de reis e centros de peregrinação onde existe outra concepção de tempo e espaço e as relações sociais objetivam o fortalecimento dos laços comunitários.

É possível ser rural no mundo urbano e conviver cotidianamente com novas e modernas expressões religiosas como as religiões afro-brasileiras, pentecostais e neopentecostais e não perder os traços próprios da religiosidade e da cultura rural? Os laços comunitários e solidários marcam a cultura rural em Goiás. “Mesmo no contexto urbano, há muitas pessoas que elaboram sua compreensão de mundo, com as referências do mundo rural” (PESSOA, 2005, p. 52).

O *ethos*² comum “comunidade” dos participantes do grupo de romeiros-carreiros de Inhumas está ligado ao mito da comunidade ideal (o paraíso), que é rural. A ruralidade está subjacente nos valores morais e estéticos, no conteúdo da crença dos romeiros-carreiros do grupo de Inhumas. Dentre os valores da cultura rural está o mito da comunidade rural perfeita. Esse mito de comunidade usurpado pelo capitalismo, pela modernidade cuja marca é o individualismo e a desintegração da comunidade, está vivo no grupo de romeiros-carreiros de Inhumas, sendo uma das motivações subjacentes para continuarem fazendo a mesma romaria todos os anos e sentirem orgulho e prazer de estar com o grupo. É o que atestam as falas abaixo: “Eu me sinto muito orgulhoso, de tá³, com o grupo, eu tô sempre na reunião com a turma é porque eles me prestigiam [...] graças a Deus todo mundo me trata bem” (2); “Nossa é uma alegria imensa, tudo amigo né, quando encontra é uma festa” (10).

A convivência no grupo, o estar junto, a partilha do tempo sem nenhuma outra motivação do que o simples prazer e alegria de estar junto, além de uma experiência de comunidade, tornam o grupo de famílias para os romeiros-carreiros um espaço de afirmação de sua identidade inegavelmente atada à ruralidade, mesmo vivendo na cidade.

Características da cultura rural coexistem com os valores urbanos nas pequenas e grandes cidades. Segundo Pessoa (2005, p. 51) o termo ruralidades marca a relação com a terra, com o plantar. A religiosidade do “homem da roça”, que agora vive na cidade está imbricada nesses valores da ruralidade. A afirmação de Pessoa (2005, p. 51) é corroborada pela fala abaixo, que é a resposta de um romeiro-carreiro do grupo de Inhumas,

um lavrador que, ao ser questionado sobre como se sente quando ouve as palavras: terra, roça, plantação, nos disse:

Tá doido. A minha paixão é essa ai, é tá na terra. Eu gosto duma terra, viu. Eu num tenho purquê eu num tenho condições. Peço pro Divino Pai Eterno pra um dia eu dá jeito de comprá minha terrinha e morá lá na roça, só pra mim vê as criação, purquê eu gosto de criação. É criação e ficá lá pra roça é o trem que eu mais gosto. Eu num dô conta, eu fico aqui na rua (cidade) assim ó, igual eu tô, à toa assim. Esses dia assim tá meio divagar. Eh! mais pra mim é duro eu atulera essa temporada viu, purquê eu gosto de tá é lá pra roça. Tano pra lá veno as criação e mexeno, é bão dimais, é gostoso dimais o clima né (19).

A fala acima ilustra de maneira eloquente a relação do romeiro-carreiro do grupo de Inhumas com a terra, com a criação. Mas no geral essa relação não é tão visceral assim. Ouvimos depoimentos de romeiros-carreiros do grupo de Inhumas que tem profissões não ligadas à terra ou ao criatório, como: advogado, vendedor, motorista, que em suas falas demonstram uma relação bem menos intensa com a terra e o criatório: “Eu gosto né como se diz, eu sou motorista, mais também, pranto também, mexo com a terra, capino, pranto é isso” (10); “Penso em fartura, é assim plantações germinando, fartura” (20).

Com mais ou menos intensidade os romeiros-carreiros de Inhumas estão marcados pela ruralidade que os liga de alguma forma à plantação e ao criatório e traz significado para as relações que estabelecem no grupo. Outro fator que unifica e dá sentido ao grupo é a busca da comunidade.

O episódio que segue, demonstra a complexidade das relações entre os romeiros-carreiros no grupo e que o grupo de romeiros-carreiros não está imune a conflitos. Enquanto⁴ o grupo estava reunido para a oração, um romeiro-carreiro fez uma crítica aos companheiros do grupo que seguem com seu carro sem olhar para trás. Ele afirmou que tem romeiro-carreiro que se algum carro de boi de um companheiro está com problema, não param para dar socorro, só pensam em si. Falou de um problema sério que aconteceu ontem (dia 24 de junho de 2010), num córrego, próximo ao Bugre (Local de pouso dos romeiros-carreiros antes de chegar a Trindade). O boi de um dos carros quase se afogou, quando foi atravessar o córrego, só não aconteceu um problema mais grave, graças ao socorro, a solidariedade de vários romeiros-carreiros que uniram forças e impediram que o boi se afogasse.

A relação entre os romeiros-carreiros do grupo de Inhumas, não é um mar de rosas. E não estão marcadas somente pela amizade e solidariedade, mas também pelo egoísmo e individualismo. Mas observamos que a prática que predomina no grupo de romeiros-carreiros de Inhumas é a solidariedade e não o individualismo.

A vida urbana está centrada no individualismo característico da modernidade, este incomoda o romeiro-carreiro urbano, que busca refúgio, segurança, solidariedade, enfim busca viver o ideário comunitário no grupo de romeiros-carreiros, na prática da romaria. As falas abaixo são de romeiros-carreiros do grupo de Inhumas, quando perguntados sobre o que significa a palavra comunidade para eles, os depoimentos comprovam que o romeiro-carreiro se sente numa comunidade quando está no grupo:

‘Comunidade é isso aqui. Exatamente o que nós estamos fazendo. Isso aqui pra mim é uma comunidade. A comunidade de carreiros, é uma comunidade, é uma reunião, é um bate papo, é uma missa, isso é uma comunidade’ (2); ‘Tudo unido, comunidade é umas pessoa igual nois assim tudo unido, bom demais, todo respeito um ao outro, é uma amizade NE’ (5);

Nos tempos atuais o conceito e o espaço da comunidade estão abertos a uma série de possibilidades. Fazemos comunidade com quem pensa igual ou parecido a nós, e os laços comunitários tendem a ser cada vez mais frágeis. Vivemos tempos de vertiginosas transformações, provocadas pela revolução tecnológico-científica principalmente na área da comunicação, da robótica, nanotecnologia etc. E “o fenômeno da globalização que coloca em xeque as fronteiras culturais, e o conceito sociológico de comunidade se torna cada vez mais complexo, pois não é formado por uma única vertente cultural” (LE MOS, 2009, p. 215) Que ideário comunitário os romeiros-carreiros do grupo de Inhumas experienciam no grupo?

O individualismo, a liberdade e suas conseqüências, a racionalização que caracteriza a vida do ser humano moderno, não dá conta de responder a grande demanda humana que é viver muito bem e se possível não morrer nunca (WEBER, 1991, p. 279). Os pedidos dos romeiros-carreiros ao Divino Pai Eterno comprovam que a relação do ser humano com o sagrado passa pelas questões que o incomodam na realidade da vida. Quando perguntados sobre o que pediam ao Divino Pai Eterno durante a romaria eles responderam: “Eu peço ao Divino Padeterno pra dá saúde pra todo mundo, olhar nois tudo e evitá muitas coisa, o roubo tá demais

hoje” (4); “Ah eu peço o nosso Pai, Divino Pai Eterno que governa tudo, que ajuda eu, minha família e continua ajudando a gente todos os dias da nossa vida, né” (11).

As demandas do ser humano junto à divindade, na maioria das vezes, não se relacionam à salvação da alma, a vida após a morte, mas sim a pedidos muito humanos, triviais, corriqueiros de uma vida equilibrada, longa e feliz, pedidos que necessitam de condições sociais e materiais para se concretizar. A relação do indivíduo com o sagrado, a prática religiosa do ser humano diz muito do tipo de sociedade em que o mesmo vive e em que tipo de sociedade gostaria de viver. Osromeiros-carreiros do grupo de Inhumas buscam na prática da romaria de carros de boi viver numa sociedade menos individualista e mais solidária, em que prevaleça o ideal comunitário, sendo a comunidade o lugar confortável e aconchegante, onde estamos seguros, protegidos e felizes.

IDEIAS CONCLUSIVAS

A partir das leituras, da análise dos dados colhidos na pesquisa de campo, cuja metodologia aplicada foi: a observação participante e entrevistas, buscando sempre a inter-relação: religião, ruralidade e mundo urbano. Chegamos a um ponto de nossa análise em que podemos afirmar que a prática da romaria de carros de boi no mundo urbano, é uma prática religiosa marcada pela complexidade das relações sociais na modernidade. É um dos principais aspectos da sociedade em que vivemos que se destaca na prática da romaria de carros de boi no espaço urbano é a fuga do individualismo e a consequente busca pela comunidade.

Responder como o indivíduo moderno “desencantado e livre” lida com os valores comunitários nos centros urbanos é entender melhor o mundo em que vivemos. Lemos (2004, p. 130) afirma que o indivíduo pode entender-se a si mesmo comparando-se com os outros, com valores, instituições e significados presentes na sociedade. Se não consegue se localizar em relação ao lugar que ocupa na sociedade, o indivíduo se sente ameaçado de perder os laços que o satisfazem emocionalmente, de perder sua orientação na experiência da vida, sente-se ameaçado de anomia.

O indivíduo moderno parece estar constantemente em luta contra o terror da anomia e a angústia da liberdade. A emancipação trazida pelo processo de secularização que criou condições para criar uma sociedade sem religião, não fez o ser humano mais feliz. Onde buscar sentido, nomia para a vida em tempos de secularização, desencanto e individualismo? Os

romeiros carreiros do grupo de Inhumas buscam no grupo, que para eles é uma experiência de comunidade.

As práticas de solidariedade, cooperação e harmonia enquanto fortalecedores de nomia ao indivíduo moderno não conseguem resistir por muito tempo na sociedade capitalista, tecnológica e globalizada em que vivemos. Mas mesmo nesse contexto de extrema fragilidade da comunidade real, o ideário comunitário, continua sendo pensado, e concretizado em diferentes esferas da sociedade. A prática da romaria de carros de boi pelo grupo de Inhumas, é uma prova dessa persistência da busca de viver o ideário comunitário no ambiente urbano, mesmo ante a tantas dificuldades que ameaçam a comunidade.

Ao cabo das entrevistas e observação participante entendemos que a prática da romaria de carros de boi é uma prática da ruralidade presente no mundo urbano, que se constitui para os romeiros-carreiros do grupo de Inhumas num espaço de nomia.

Além da afirmação de sua identidade de romeiro-carreiro vinculada à terra e ao criatório, a prática da romaria de carros de boi é para os romeiros-carreiros um espaço em que a comunidade está em foco, em detrimento do individualismo que caracteriza o mundo urbano em que vivem.

ROMARY OF THE BULLMEN: THE COMMUNITY IN FOCUS

Abstract: the countryside characteristics of the bullmen in Inhumas has the community as its centre and is on the wrong way of modern world that has the person as its centre. The participation in the group is an experience of community for the bullmen who get together in the programed meetings and the prosetion of the bullcars for the “trindade” party. The meeting of the families of the bullmen takes place in a space of protection, of refreshment and well bieng for the bullmen that live in cities stablished by the individualism, antagonic pair of the community.

Keywords: Coutryside. Community. Individualism.

Notas

- 1 A secularização na sociedade moderna, segundo Berger (1985, p. 119) é o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos.
- 2 aspectos morais (e estéticos) de uma determinada cultura; os elementos valo-

rativos da cultura; o tom; o caráter e a qualidade de sua vida; seu estilo moral e estético e sua disposição a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete (GEERTZ, 1989, p. 143).

- 3 Foi respeitado o modo de falar, a linguagem coloquial utilizada pelosromeiros-carreiros entrevistados.
- 4 Observação feita pela pesquisadora durante a romaria de carros de boi, no período de 24 de junho a 7 de julho.

Referências

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzin. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução: José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

DEUS, Maria do Socorro. A ação redentorista e as mudanças no comportamento religioso em Goiás pela romaria de Trindade (1894-1930). *Fragmentos de cultura*. Goiânia, v. 11, n. 2, p.259-268, mar./abr. 2001.

DEUS, Maria do Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. *História das festas religiosas em Goiás*. Goiânia: Alternativa, 2003. 74 p. il. (Coleção Histórias de Goiás).

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEMOS, Carolina Teles. A religião como espaço de conexão entre o rural e o urbano: os valores do indivíduo e comunidade em interação. *Caminhos*, Goiânia, v.2, p.71-86 n.1 jan./jun. 2004.

_____. A (re)construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia da religião. *Estudos de religião*. v. 23, n. 36, p. 201-216, jan./jun. 2009.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da filosofia de Hegel. In: Marx, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NASCIMENTO, Silvana S. *Em busca da Trindade um estudo antropológico sobre uma romaria goiana*. Disponível em: <http://members.tripod.com/bmgil/ns.html>. Acesso em: 24 mar. 2009.

NETO, Belarmino Mariano. Geografia cultural e a construção do indivíduo liberal. *Olhares Geográficos*. Dez. 2005 (Revista eletrônica).

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: UCG; Kelps, 2005.

RIVIÈRE, C. *Os Ritos Profanos*, Petrópolis: Vozes, 1996.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia: UFG, 1997.

SIMMEL, Georg. *Sociologia: estudos sobre as formas de socialização (I,II)*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5. ed., São Paulo: Pioneira, 1987.

_____. *Economia e sociedade*. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. da UnB, 1991, V. 1.

* Recebido em: 10.02.2011.

Aprovado em: 20.02.2011.

** Mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professora da rede pública de ensino do estado de Goiás, na área de História. Bibliotecária do Instituto Federal de Goiás (IFG) Campus Anápolis